

# RUY BELO: UMA POÉTICA DA HABITAÇÃO

*Carolina da Silva Inacio*

*Orientadora: Ida Alves*

*Mestranda*

RESUMO: O presente trabalho propõe investigar de que modo a poesia de Ruy Belo configura-se como a formulação de uma ética da habitação. Busca-se, inicialmente, estabelecer um diálogo entre a obra *O problema da habitação – alguns aspectos* (1962), de Ruy Belo, e o pensamento de Martin Heidegger sobre o habitar. Para Heidegger, há na relação entre o homem e o meio ambiente uma crise que deriva do modo como a tradição metafísica ocidental concebeu a natureza e seu domínio através da tecnologia. A partir desta proposta de leitura, objetiva-se neste trabalho identificar nas figurações da natureza presentes na poesia beliana a constituição de um *ethos* de habitação do mundo e da escrita que se orienta no sentido de superar a crise do habitar apontada pelo filósofo.

PALAVRAS-CHAVE: Ruy Belo, habitação, natureza

O presente trabalho propõe investigar de que modo a poesia de Ruy Belo configura-se como a formulação de uma ética da habitação. Busca-se, inicialmente, estabelecer um diálogo entre a obra *O problema da habitação – alguns aspectos* (1962), de Ruy Belo, e o pensamento de Martin Heidegger sobre o habitar. Para Heidegger, há na relação entre o homem e o meio ambiente uma crise que deriva do modo como a tradição metafísica ocidental concebeu a natureza e seu domínio através da tecnologia. A partir desta proposta de leitura, procura-se identificar nas figurações da natureza presentes na poesia beliana a constituição de um *ethos* de habitação do mundo e da escrita que se orienta no sentido de superar a crise do habitar apontada pelo filósofo.

Para principiar uma reflexão mais acurada sobre habitação na poesia de Ruy Belo, é produtivo considerá-la inicialmente como uma imagem de origem bíblica. Longe de submeter a análise que aqui se pretende fazer a um biografismo irrefletido, é cabível, e acredito que relevante, considerar as relações de Ruy Belo com o catolicismo, religião que o levou a realizar assíduas leituras de textos sagrados nos dez anos em que

pertenceu ao *Opus Dei*, bem como sua formação em Direito Canônico. Habitar, palavra cujo radical aparece em número bastante expressivo na Bíblia (com 827 ocorrências) é uma imagem que perpassa toda a obra do autor, desde o seu segundo livro, *O problema da habitação – alguns aspectos* (1962), passando por *Toda a Terra* (1976), título que recupera um sintagma também recorrente no texto bíblico.

Já em *Aquele grande rio Eufrates* (1962) nota-se uma investida na construção de imagens que aproximam categorias como tempo, sujeito e espaço. Das seis seções em que a obra é dividida, três delas intitulam-se respectivamente “Tempo”, “Relação” e “Cidade”, nessa ordem dispostas. A figuração da cidade como espaço de imbricamento entre tempo e sujeito pode ser lida, nesse sentido, como a gênese de um pensamento sobre a habitação que se principia tendo como uma espécie microcosmo a imagem da cidade. No entanto, é em *O problema da habitação* que esta reflexão assume contornos mais específicos, para depois se ampliar na imagem de habitação do mundo, como sugere o título de *Toda a Terra*, por exemplo.

As duas primeiras obras de Ruy Belo são, como se sabe, marcadamente dialogantes com os textos bíblicos. Neste primeiro momento da poesia beliana, paralela à imagem da habitação, tem-se a imagem da construção. Em “Rua do Sol a Sant’ana”, poema que se inicia com “a cidade em construção/ que dos gestos emerge”, temos a construção de uma cidade que é edificada pelos gestos das mãos. (BELO, 2014c, p. 17). O poema progride para composição de um espaço em que o homem experimenta cada vez mais a mesquinhez do dia a dia e da vida cotidiana:

Nascemos e morremos e é sempre o mesmo sol lá fora  
Inúmeras possibilidades há nesta ou em qualquer manhã  
Há consultas marcadas nos dentistas  
há saltos que se prendem nas calçadas  
orçamentos familiares prédios de rendimento  
[óculos de publicidade  
e calças que já vão ficando curtas  
Importantes assuntos passam nas agendas de ano para ano  
e muitas outras coisas fazem as pessoas infelizes  
Há vários subsecretários sem emprego

uma mulher depois um ministério assim a vida inteira

o que é preciso é termos qualquer coisa.

(BELO, 2014c, p. 18)

No livro de *Atos dos Apóstolos* 7:48, o evangelista Estevão diz: “Não habita o altíssimo em casas feitas por mãos humanas” (BÍBLIA, 2009), passagem em que exorta os fiéis sobre os malefícios de se construir uma habitação permanente para Deus, pois homem não possui o potencial de edificar uma morada capaz de abrigar o sagrado. A construção da cidade presente no poema citado anteriormente representa, assim, o distanciamento do homem de uma experiência genuína do habitar.

Partindo da filiação etimológica da palavra *bauen*, construir em alemão, Heidegger aproxima, em *Construir, Habitar, Pensar*<sup>1</sup> o ser e o habitar. O homem é no mundo habitando. É, pois, na condição de habitantes que os seres humanos experimentam a vida. Em *Isaías* 45:18, lemos que “Deus não criou a terra simplesmente para nada, mas a formou para ser habitada.” (BÍBLIA, 2009). Para além do que pode haver de discurso ideológico de expansão e dominação territorial no versículo citado, há o estabelecimento de finalidade última para criação do mundo: abrigar o homem. No entanto, percebe-se na poesia de Ruy Belo um descompasso na relação entre sujeito e mundo, entre a habitação e o habitante.

Segundo Heidegger, o problema da ética ambiental, ou seja, do *ethos* segundo o qual o homem se relaciona com o ambiente em que vive é uma questão que tem sua origem na tradição metafísica ocidental (de Platão a Nietzsche). Bruce V. Foltz (2000) sublinha que, para Heidegger, o principal erro da metafísica ocidental é aquilo que chama de “metafísica da presença”, para a qual a natureza existe apenas na medida em que está presente, ou seja, na medida em que lhe é útil. Essa perspectiva metafísica da presença constante impossibilita um respeito autêntico pela natureza e conduz à escravidão das sociedades de consumo da era da tecnologia. A tecnologia é concebida no pensamento heideggeriano como uma continuação dessa perspectiva metafísica, uma vez que oculta a verdadeira essência da natureza, pois pressupõe, de acordo com as teorias da ciência moderna, a oposição de um sujeito (o homem) a um objeto (a

<sup>1</sup> Conferência pronunciada por Heidegger em 1951, na “Segunda Reunião de Darmstadt”, publicada em 1954.

natureza). Nesse sentido, a tecnologia impede que a natureza seja aquilo que genuinamente é e a modifica ontologicamente: transforma-a em um objeto científico apreensível, manipulável, constantemente disponível e passível armazenamento.

O primeiro poema de *O problema da habitação*, “Quasi flos”, ou “como uma flor”, traduzido do latim, abre a coletânea de dez poemas introduzindo alguns aspectos de uma natureza que, embora não possa ser apreendida pelo sujeito em sua condição elementar, pode habitar livremente, ou seja, habitar enquanto natureza, o poético: “A morte é a verdade e a verdade é a morte/ Tão contente de vento, ó folha que nomeio/ como quem à passagem te colhesse,/ palavra de que tu, ó árvore, dispões para vir até mim/ do alto da tua inatingível condição”. (BELO, 2014c, p. 15).

Neste poema, um sujeito lírico que nomeia a folha como quem a colhe, como quem a apanha, nos mostra o potencial de apreensão do aspecto metafísico do mundo que só a linguagem poética é capaz de realizar. Dentro desse universo poético, é possível apreender a natureza, representada na imagem da árvore, em sua “inatingível condição”, sem modificá-la ontologicamente. O poema prossegue:

Face melhor de todos nós, ó folha  
dos álamos nocturnos e antigos visitados pelo vento,  
no calmo outono, o dos primeiros frios, saís  
do ângulo dos olhos, acolhes-te ao poema  
como no alto mês me maio a flor imóvel do jacarandá

Não há outro lugar para habitar  
além dessa, talvez nem essa, época do ano  
e uma casa é a coisa mais séria da vida  
(BELO, 2014c, p. 15)

A folha que, na segunda estrofe, foi nomeada como se houvesse sido colhida, agora sai “do ângulo dos olhos” e é acolhida no poema, sua nova morada. Assim, o discurso poético constitui-se como um espaço capaz de abrigar a natureza, permitindo ao homem, portanto, habitar o mundo poeticamente. Neste poema, podemos localizar o que Pedro Serra (2001) chama de “tese da negatividade (apenas) superada pela poesia”,

leitura apontada inicialmente pelo poeta-crítico Antônio Ramos Rosa. Para Ramos Rosa (*apud* SERRA, 2001), há em Ruy Belo uma fissura entre o eu e o mundo que é superada pela poesia, linguagem capaz de apreender a “inatingível condição”, de que fala o poema supracitado, e de *re-ligar* homem e natureza. No entanto, Serra sustenta, em contrapartida, que o problema da fissura entre sujeito e mundo reflete-se também na linguagem, de modo que, na poesia beliana, “a *negatividade* está nas *palavras* e na *poesia*”. (SERRA, 2001, p. 75).

Em *O problema da habitação – alguns aspectos*, por exemplo, encontram-se conjugados em um mesmo livro “tanto a confiança mais absoluta no estatuto do poeta e da palavra poética, como a certeza mais radical da desfundamentação de ambos” (SERRA, 2001, p. 71). Contudo, ao realizarmos uma leitura mais atenta, o que se percebe neste livro é, na verdade, uma “desfundamentação” progressiva da palavra poética. Considerado pelo próprio autor como um longo poema em sua unidade estrutural, *O problema da habitação* segue um percurso que aponta para a ideia de uma *desabitação* do poético. Conforme foi demonstrado anteriormente, o poema inicial do livro concebe o poético como linguagem capaz de abrigar a natureza e com isso superar a fissura sujeito/mundo. Já no terceiro poema, “Imaginatio Locorum”, a repetição do advérbio “talvez” em todas as estrofes (com exceção da última) parece iniciar uma espécie de implosão da “casa” poética edificada na primeira composição do livro:

Era uma vez talvez algum país de sinos  
de sons entre ouvidos no passado  
constantemente renovado de quem morre cada dia  
e forra de manhãs o interior dos olhos  
pastor de escolhos vários entre os limos e os nimbos

Talvez ainda agora haja crianças  
ou venha no primeiro inverno saudar-nos o verão  
Talvez primeiros passos olhos limpos  
escolas jogos coisas novamente novas haja ainda  
Sob as pontes do Tibre a mesma água correrá talvez

Talvez na minha tarde tudo caiba ainda  
chuva no olhar ou ave núbil sobre sobre a rubra Babilónia  
e suba do entulho a derrocada casa cedo percorrida  
ou nasçam nas regueiras pela primavera outra vez rãs  
– ah! poder eu molhar os meus actuais pés pela primeira vez  
Caíram as maçãs onde nupcial algum rosto ondulava  
havia muita gente a proteger-me  
e não tinha talvez chovido ainda  
Talvez possa chorar à periferia a beira-mar da minha vida  
talvez seja cantar o último recurso

[...]

(BELO, 2014c, p. 23)

A poesia, como discurso que diz não “o que de fato ocorreu, mas o que é possível e poderia ter ocorrido” (ARISTÓTELES, 2017, p. 95), firma-se no “talvez”, na possibilidade segundo a verossimilhança. O verso “Era uma vez talvez algum país de sinos” tanto indica a ausência de compromisso da criação literária com a Verdade, conforme descreve Aristóteles em sua *Poética*, como questiona a partir disso o potencial ontológico da poesia (“Talvez na minha tarde tudo caiba ainda”). O tom de incerteza provocado pelo uso reiterado do advérbio de dúvida termina por interrogar também o estatuto da poesia (“talvez seja cantar o último recurso”). O mesmo tom de dúvida está presente no poema “A minha tarde”, de *Homem de Palavras*:

Disponho do vento disponho do sol disponho da árvore  
arranjo pássaros arranjo crianças  
tenho mesmo à minha disposição o mar  
talvez com tudo isso possa formar uma tarde  
uma tarde azul e calma onde me possa refugiar

[...]

(BELO, 2014b, p.55)

A incerteza de poder “formar uma tarde” com os elementos de que dispõe para compor o poema (vento, sol, árvore, pássaros, crianças, mar) põe em causa novamente o estatuto ontológico da realidade produzida pela poesia, dando a ver elemento fragilidade e incerteza que há em sua constituição. A poesia mostra-se, portanto, como lugar do possível, mas também como lugar do incerto. O verso final de “Imaginatio locorum” retoma a fórmula propositiva do último verso de “Quasi Flos”: “E a alegria é uma casa demolida”. (BELO, 2014c, p. 25) A imagem da demolição da casa representa, então, o início desse movimento em direção à desfundamentação do estatuto da palavra poética de que fala Pedro Serra.

Prosseguindo o percurso desfundamentação, ou desabitação, do poético em *O problema da habitação*, encontramos no poema “No túmulo de Sardanapalo” o seguinte excerto:

e a palavra, essa, não voltará mais  
Não nos morreu ninguém e ficamos mais sós  
e agora é impossível regressar  
Todos os males contigo nos vieram, poesia,  
afasta-te de nós até melhores dias  
e deixa ver o que por trás da poesia está

[...]

(BELO, 2014c, p. 39-40)

Esse processo de desabitação do poético que se desenvolve a partir do reconhecimento da poesia como lugar de falha, de incerteza, progride (ainda que de maneira contraditória, pois se faz através do poema) para sua recusa, embora seja agora “impossível regressar”. A fissura entre homem, mundo e poema é reconhecidamente intransponível. É, pois, somente através da morte que este intervalo se desfaz. A imagem da morte ganha cada vez mais força nos poemas finais. A exemplo disso, o último, “Figura Jacente”<sup>2</sup>, mimetiza, em diálogo com o título, justamente uma subjetividade que vê sua própria morte esculpida no poema. Na morte, Deus “é tão acessível como o mar nas praias” (BELO, 2014c, p. 53). “Deus é perto de mim como

<sup>2</sup> Na arte tumular, o jacente é a figura do falecido esculpida sobre sua sepultura.

uma árvore”, diz o poeta no verso final, apontando para a ideia de uma natureza, figurada aqui na imagem da árvore, como um lugar de encontro com o sagrado.

No poema “Eu vinha para a terra e dão-me dias”, de *Homem de palavra[s]* (1969), o sujeito lírico lamenta-se de estar “reduzida ao relógio” a aventura da existência. Sua última estrofe evoca a figura mitológica de Ícaro e reflete sobre as limitações da condição humana: “Não pode o homem ser aquele que é/ mesmo que para voar distenda a asa /ou seja natural de Nazaré (BELO, 2014b, p. 51). Nas palavras de Heidegger, “salvando a terra, acolhendo o céu, aguardando os deuses, conduzindo os mortais, é assim que acontece propriamente um habitar” (HEIDEGGER, 2001, p. 131). Lendo o poema à luz do pensamento do filósofo, o homem, com os pés fincados no chão, deve “acolher o céu”, deve “aguardar os deuses”. Do contrário, à tentativa de voo sobrevirá a queda. Queda como consequência da ambição de ultrapassagem da condição (ou posição) vertical em que é dado ao homem habitar. É, pois, em sentido oposto que parece conduzir-se Ruy Belo:

a minha suprema ambição – o meu ideal inatingível até porque ideal, mas sempre presente como um limite – [...] é a de ser um simples mineral, com sua impassibilidade e a sua adesão à terra, a que acabarei por voltar não só por condição como por desejo profundamente, longamente sentido e só satisfeito no dia em que a minha voz passar a ser a voz da terra, mais importante, no fundo, do que todas as palavras que me houver sido dado proferir à sua superfície, ao longo da minha vida mais ou menos curta, se encarada na perspectiva do destino do homem como espécie e da vida deste planeta como seu ambiente de sempre e para sempre.

(BELO, 2014d, p. 18)

Nesta explicação que o poeta “houve por indispensável” antepor à segunda edição de seu primeiro livro, vale lembrar que reeditada dez anos depois da primeira, Ruy Belo parece firmar-se sobre um reconhecimento do homem como parte integrante da natureza enquanto espécie no mundo, uma natureza a que retornará quando for abolida, através da morte, - tema, aliás, largamente explorado em sua obra - a relação sujeito/objeto. A dissolução desta oposição através do modo como a poesia é capaz de abrigar a natureza parece progredir para um ideal de fusão que, ainda que reconhecidamente inalcançável, traduz-se em um propósito obstinado de comunhão entre sujeito e mundo. Como autor que “suicida-se nas palavras”, Ruy Belo encontra na

poesia a antecipação do “regresso definitivo à terra” que profundamente desejou. É nesse sentido que é possível reconhecer na poesia beliana a constituição de uma ética de pertencimento ao mundo, uma ética da habitação. Eduardo Prado Coelho (1999) afirma, a propósito do título de *O problema da Habitação – alguns aspectos*, que para qualquer homem a demanda do lugar é uma questão central de uma vida e a poesia de Ruy Belo caminha e nos conduz justamente ao encontro dessa busca.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, *Poética*. Trad. Paulo Pinheiro. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BELO, Ruy. *Aquele grande rio Eufrates*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014a.
- \_\_\_\_\_. *Homem de palavra[s]*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014b.
- \_\_\_\_\_. *Na senda da Poesia*. 4ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O problema da habitação – alguns aspectos*. Rio de Janeiro: Ed. 7Letras, 2014c.
- \_\_\_\_\_. *Transporte no tempo*. 1ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014d.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 2ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- COELHO, Eduardo Prado. In: SILVEIRA, Jorge Fernandes da. (org.). *Escrever a casa portuguesa*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Constuir, habitar, pensar*. In: *Ensaaios e Conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FOLTZ, Bruce V. *Habitar a terra: Heidegger, ética ambiental e a metafísica da natureza*. Lisboa: Edições Piaget, 2000.